

**O RIO COMO FUTURO ANCESTRAL, DE AILTON KRENAK:
RI(T)O ARCAICO E FUNDADOR DO MUNDO**

The River as a Future Ancestor, by Ailton Krenak: Archaic River and
Founder of the World

Rodrigo Felipe Veloso¹

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

... e o rio, cansado, mergulhou em si.
Ailton Krenak

No livro *Futuro ancestral*, Ailton Krenak explora com profundidade os fundamentos de uma visão de mundo que integra a humanidade à natureza, resgatando os laços ancestrais e espirituais entre os humanos e o planeta. Entre os elementos centrais de sua narrativa, o rio emerge como um símbolo arcaico e fundador do mundo, carregando significados que transcendem sua materialidade e alcançam o campo da espiritualidade, da memória coletiva e da sustentabilidade do futuro.

Krenak associa o rio à ideia de fluxo contínuo, tanto físico quanto existencial. Assim como o rio conecta suas margens e sustenta a vida ao seu redor, ele também simboliza a ligação entre o passado, o presente e o futuro. Para as culturas indígenas, o rio não é apenas um recurso natural, mas um ser vivo, um guardião de histórias e uma entidade espiritual que molda a identidade coletiva de suas comunidades. “À noite, suas águas correm velozes e rumorosas, o sussurro delas desce pelas pedras e forma corredeiras que fazem música e, nessa hora, a pedra e a água nos implicam de maneira tão maravilhosa que nos permitem conjugar o nós: nós-rio, nós-montanhas, nós-terra” (KRENAK, 2022, p. 14). Ademais, ele exemplifica dizendo: “É

¹ Doutor em Letras pela Universidade Federal de Juiz de Fora e professor a Universidade Estadual de Montes Claros.

fascinante pensar que o grande rio que dá nome à Bacia Amazônica nasce de um fiozinho de água lá nas cordilheiras dos Andes para formar aquele mundo aquático” (KRENAK, 2022, p. 15).

No capítulo com que se inicia o livro resenhado, intitulado “Saudações ao rio”, o autor oferece uma poderosa reflexão sobre a relação entre humanidade e natureza, tomando o rio como símbolo central. O autor, com sua escrita essencialmente poética e engajada, explora o significado espiritual, cultural e existencial dos rios, denunciando os impactos destrutivos das práticas humanas e propondo uma nova forma de convivência baseada no respeito e na reciprocidade.

Para Krenak, o rio não é apenas uma corrente de água que corta a paisagem, mas uma entidade viva, dotada de alma, história e memória. No texto, ele resgata a percepção ancestral de que os rios são sagrados, conectando diferentes dimensões da existência: o passado dos povos originários, o presente da degradação ambiental e o futuro da humanidade. “Nas noites silenciosas ouvimos sua voz e falamos com nosso rio-música. Gostamos de agradecê-lo, porque ele nos dá comida e essa água maravilhosa, amplia nossas visões de mundo e confere sentido à nossa existência” (KRENAK, 2022, p. 13-14).

Essa visão contrasta com a abordagem utilitarista da modernidade, que reduz o rio a um recurso econômico ou a um obstáculo para o progresso. Krenak denuncia essa lógica de exploração e propõe um retorno a uma ética baseada no cuidado, na reverência e na compreensão do rio como parceiro da vida. “Sempre estivemos perto da água, mas parece que aprendemos muito pouco com a fala dos rios” (KRENAK, 2022, p. 13).

Em “Saudações ao rio”, Krenak aborda a devastação causada pela ação humana, como o desmatamento, a poluição e a construção de barragens, que interrompem os ciclos naturais dos rios. Ele critica o desrespeito às águas e aos povos que dependem delas, destacando como essas práticas resultam na destruição não apenas do ambiente, mas também de culturas e modos de vida. Como efeito e exemplo disso, o escritor menciona que, “em São Paulo, o Tietê, infelizmente, na parte urbana que percorre, foi convertido em esgoto. Não sei como uma cidade pode fazer isso, o corpo de um rio é insubstituível. A Pauliceia tapou de forma desenfreada seus cursos d’água [...]” (KRENAK, 2022, p. 21).

A metáfora do rio como fluxo contínuo, que conecta tempos e espaços, é rompida pela intervenção predatória do homem. Krenak lamenta que, ao violentar os rios, a humanidade também destrua a si mesma, rompendo vínculos que são essenciais à vida. Para Chevalier e Gheerbrant (1997), a imagem do rio/mar representa o “símbolo da dinâmica da vida. Tudo sai do mar e tudo retorna a ele: lugar dos nascimentos, das transformações, e dos renascimentos. [...]. Vem daí que o mar é ao mesmo

tempo a *imagem da vida* e a *imagem do morto*. (Chevalier; Gheerbrant, 1997, p. 592; grifo meu).

Nesse sentido, Krenak enuncia que tem de conhecer quando o rio aceita sua entrada nele, pois têm certos momentos em que ele se encontra bravo, a força que possui carrega qualquer um, inclusive o homem: “nunca me meti a atravessar nenhum desses rios, porque já tive amigos que foram levados pelas águas. Até os rios menores, sem o porte de um rio Branco, têm uma força mágica capaz de nos carregar” (KRENAK, 2022, p. 15).

Para Marie Louise Von Franz (1996), ao articular a água inserida no contexto dos estudos alquímicos, ela pode significar cura ou também envenenamento e destruição. Ela está incluída no inconsciente; particularmente quando ela sobe implica que pode haver uma grande inundação, denotando cuidado com o que possa vir, assim como, se estivermos no deserto e com sede, a água é “água da vida”. Então, lidar com o elemento natural água é, pois, privilegiar o equilíbrio e cuidado natural que pode ser uma alternativa saudável de manutenção e preservação da vida humana no planeta.

Apesar do tom de denúncia, o texto também oferece esperança, um futuro promissor. Krenak evoca a resistência das populações indígenas, que mantêm viva a relação espiritual com os rios, mesmo diante de tantas adversidades. Essa resistência é vista como um ato político e cultural, que reafirma a importância de proteger os rios não apenas como recursos naturais, mas como símbolos de vida e identidade. “Nos sentimos tão profundamente imersos nesses seres que nos permitimos sair de nossos corpos, dessa mesmice da antropomorfia, e experimentar outras formas de existir. Por exemplo, ser água e viver essa incrível potência que ela tem de tomar diferentes caminhos” (KRENAK, 2022, p. 14).

A ideia de “saudar o rio” vai além do gesto físico. É um chamado para que a humanidade se reconecte com seus valores ancestrais, reconheça sua dependência da natureza e reestabeleça um equilíbrio perdido. Essa reconexão, para Krenak, é essencial para garantir a sobrevivência das próximas gerações.

A escrita de Krenak em *Futuro ancestral* é marcada por uma linguagem intensamente poética, que mistura reflexões filosóficas, memórias pessoais e críticas sociopolíticas. Essa abordagem confere ao texto uma força única, transformando-o em um manifesto que toca tanto a razão quanto a emoção do leitor. “Aquele material que desce na calha não é rio, mas detrito de uma civilização abusiva, o que o grande chefe Seattle chamou de vômito. A água de verdade, que nasce nas montanhas, agora está correndo debaixo de uma laje de pedra [...]” (KRENAK, 2022, p. 24). O escritor continua seu discurso-manifesto com uma provocação: “Ora, se a água nunca diminui, qual o problema? Acontece que ao transformamos água em esgoto ela entra

em coma, e pode levar muito tempo para que fique viva de novo” (KRENAK, 2022, p. 26).

A poesia, nesse contexto, torna-se um ato de resistência e renascimento. É por meio dela que Krenak dá voz aos rios, às tradições indígenas e aos anseios por um futuro mais sustentável e harmônico. “Rios da memória, rios voadores, que mergulham, que transpiram e fazem chuva” (KRENAK, 2022, p. 23).

Ao fim e ao cabo, Krenak denuncia o desrespeito e a destruição dos rios pelo avanço predatório da modernidade, lamentando como isso rompe os ritos que conectam as pessoas a terra e às águas. Ele defende uma recuperação dessa relação simbiótica como forma de resistência e sobrevivência. Vale lembrar que os rios são espaços rituais que mantêm viva a relação dos povos originários com o sagrado. Os rituais realizados à beira dos rios — como danças, cantos e oferendas — reafirmam a ligação espiritual entre a humanidade e a natureza. Esses atos simbolizam não apenas agradecimento, mas também a renovação do pacto entre os seres humanos e o planeta.

No contexto de *Futuro ancestral*, o rio é um elemento arquetípico que transcende os limites geográficos e culturais. Ele é a fonte de renovação e purificação, um espaço de origem onde a vida é gestada e de onde surgem as possibilidades de recomeço. Por isso, o papel fundador do rio, conforme abordado por Krenak, está diretamente ligado à concepção de mundo das culturas ancestrais. Em sua visão, o rio é um criador que molda as paisagens físicas e metafísicas. É nele que a vida encontra movimento, transformação e equilíbrio.

Ao discutir o impacto da destruição ambiental, Krenak também alerta para a ruptura dessa dinâmica criadora. A poluição e a morte dos rios representam, em sua narrativa, não apenas um dano ecológico, mas a perda de uma dimensão espiritual e a desconexão de um saber ancestral que sustentava o equilíbrio entre os humanos e o mundo natural e repetidamente esse discurso deve ser proferido para que o homem tome consciência dessa realidade e atue em prol do bem coletivo, salvaguardando todos que estão sendo prejudicados.

O escritor e ativista propõe, sobretudo, que, para garantir um futuro sustentável e significativo, é essencial resgatar a memória do rio como entidade fundadora. Ele destaca que o futuro só pode ser concebido se houver um retorno aos ensinamentos dos ancestrais, que viam o rio como um parceiro e não como um recurso a ser explorado. Para tanto, o rio também é um convite à reflexão sobre os ciclos da vida e a necessidade de respeitá-los. Assim como as águas fluem e retornam, a humanidade deve aprender a se adaptar e coexistir com os ritmos da natureza, em vez de tentar controlá-los.

Portanto, o rio, personagem que fala, canta e ritualiza em *Futuro ancestral*, de Ailton Krenak, é um símbolo multifacetado, dinâmico e mágico: rito arcaico, elemento sagrado e fundador de mundos. Ele reflete as interconexões entre humanidade, natureza e espiritualidade, evidenciando como a degradação ambiental ameaça romper não apenas o equilíbrio ecológico, mas também os vínculos culturais e existenciais que sustentam a vida.

Ao resgatar a visão ancestral dos rios, Krenak nos convida a repensar nossa relação com o mundo e a construir um futuro onde possamos viver em harmonia com as águas e com o legado de nossos antepassados. É um livro que inspira uma nova ética para o cuidado com o planeta e uma reconexão com o que há de mais profundo e essencial na existência humana.

Em seu texto, de modo especial em “Saudações ao rio”, o escritor constrói um poderoso convite à reflexão e à ação. O rio, em sua narrativa, é símbolo, memória e resistência, um testemunho da capacidade humana de criar e destruir, mas também de transformar e resgatar.

Por fim, o texto em apreço destaca a urgência de repensar nossa relação com o mundo natural, não apenas para garantir a sobrevivência do planeta, mas para resgatar valores fundamentais que moldam nossa humanidade. “Saudações ao rio” é, acima de tudo, um chamado à reconexão com o sagrado, um lembrete, um “puxão de orelha”, e coloca o dedo na ferida, enfatizando que os rios, assim como a vida, são ciclos que precisamos preservar, saudar e celebrar. E com certo clamor, portanto, Krenak enuncia na voz do rio que corre em direção a outras vidas e modos de existência que: “[...] respeitem a água e aprendam a sua linguagem. Vamos escutar a voz dos rios, pois eles falam. Sejamos água, em matéria e espírito, em nossa movimentação e capacidade de mudar de rumo, ou estaremos perdidos” (KRENAK, 2022, p. 27).

REFERENCIAS

- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Trad. de Vera da Costa e Silva. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- VON FRANZ, Marie-Louise. *Alquimia: Introdução ao Simbolismo e à Psicologia*. São Paulo: Cultrix, 1996.

Recebido em 2 de fevereiro de 2025
Aprovado em 10 de outubro de 2025